

Desenvolvimento social e gestão de risco

O seguro é o instrumento de gestão de risco mais antigo e mais utilizado. Ele é, por primazia, um plano pré-desastre de mitigação dos prejuízos decorrentes de incidentes, por meio das transferências desses riscos e do incentivo a medidas de prevenção. Segundo registros históricos, sabe-se que o homem sempre sofreu pela ameaça constante de perdas e danos pessoais e do patrimônio – por exemplo, quando temia morrer ou ter sua propriedade destruída por eventos climáticos extremos, nas grandes guerras ou na comercialização realizada por caravanas, em que animais e cargas eram perdidos ou roubados. E é exatamente dessa época, na região da antiga Mesopotâmia, que se encontra, gravada em uma tábua de escrita cuneiforme, a primeira norma referente às regras para as indenizações, repartindo perdas e ganhos de forma proporcional a cada um dos integrantes dessas caravanas.

Porém, a consolidação do seguro só acontece mesmo com a navegação marítima e quando o comércio entre os países se intensifica. Como os prejuízos eram ainda mais constantes e comprometiam o andamento da economia, criou-se uma forma de abrandar as perdas advindas dos incidentes durante o transporte marítimo das cargas. E, com um sistema mútuo de contribuição entre os envolvidos, houve um consenso de que os danos seriam divididos entre todos. O seguro, atualmente, segue esse modelo de mutualismo, o que possibilita a transferência dos riscos às seguradoras, reduzindo o custo da perda e assegurando que o indivíduo ou a empresa não terão a estabilidade e o patrimônio arruinados em casos de desastre.

No que concerne às variações do seguro, foi na Europa, a propósito, que elas começaram a despontar. Por volta de 1350, as repúblicas italianas criaram os seguros de crédito, que viabilizavam transações comerciais no Mediterrâneo com certa segurança. Por sua vez, na Grã-Bretanha, no século 18, surge o seguro de transporte moderno e, como consequência da eficácia e resultados desse seguro, no século 19, depois de um incêndio catastrófico que destruiu a cidade de Londres, é criado o seguro de incêndio. Na Alemanha, os primeiros seguros sociais irrompem com foco nos acidentes de trabalho, garantindo cobertura securitária aos trabalhadores das indústrias. Esses acontecimentos históricos tiveram importância estratégica para o progresso socioeconômico e político mundial, na medida em que prejuízos capazes de impossibilitar a evolução, em virtude da complexidade e dos riscos, começaram a ser submetidos a regras de proteção que permitiam a continuidade da iniciativa, garantindo a essas nações a segurança necessária para se tornarem países desenvolvidos.

NO BRASIL

A Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (CNseg), associação civil responsável por representar perante o Estado os direitos e interesses dos segmentos de seguros, atua fortemente para disseminar a cultura do seguro, pois ele serve como ferramenta relevante de gestão de riscos uma vez que proporciona estabilidade ao ambiente de negócios. Ainda de acordo com a Confederação, o seguro tem papel essencial na economia e na sociedade brasileira. Ele auxilia o desenvolvimento da infraestrutura; a geração de renda; a inovação relevante para redução da frequência ou para atenuação de danos; e o acesso à saúde suplementar no país.

Nas últimas décadas, o Brasil teve um aumento expressivo de eventos com potencial de danos, principalmente para os produtores agrícolas. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO),

quase um quarto dos danos causados por desastres naturais no mundo recai sobre o setor agrícola, o que atesta a necessidade de recursos financeiros para recuperar as perdas. Problemas de enchentes e secas graves são fenômenos que têm impacto econômico direto no setor. A contratação do seguro permite que tais riscos sejam amenizados, evitando comprometer a capacidade produtiva do empreendedor do campo.

O seguro também auxilia as instituições financeiras na gestão de riscos. O seguro prestamista, por exemplo, pode ser feito regularmente pelos consumidores ao obterem um crédito, sendo, portanto, usualmente oferecido. Na ocorrência de morte ou invalidez, a seguradora assume a obrigação de liquidar a dívida do segurado, restabelecendo rapidamente o caixa da instituição financeira, além do benefício para a família do segurado, que não terá de arcar com o empréstimo, tendo que, ao mesmo tempo, lidar com o pesar e com as despesas decorrentes do falecimento.

INOVAÇÃO

As seguradoras convivem frequentemente com experiências de sinistros de diferentes formas e naturezas, por isso muitas delas possuem áreas de inovação para desenvolver produtos que ajudem a reduzir a frequência da ocorrência de danos. Uma seguradora bastante atuante no segmento de automóveis, por exemplo, possui uma área de inovação de produtos direcionados ao atendimento de sinistros. Lá, desenvolveu-se um carrinho para auxiliar com segurança a elevação de motos em caminhões de guincho, com a finalidade de evitar quedas e acidentes que aconteciam durante esse processo. Essa mesma seguradora também criou uma “roda livre”, compatível com diversos carros automáticos que travam a roda, facilitando a remoção. Criou-se ainda um skate móvel para rebocar automóveis em locais de difícil acesso. No segmento residencial, também no Brasil, já existem alarmes que podem ser controlados a distância, além de sensores de temperatura que avisam sobre eventuais mudanças na temperatura da casa. Nos EUA, país referência no ramo, os seguros já podem ser cobrados de acordo com a forma de condução do motorista, assim é possível motivá-lo a dirigir com mais qualidade e, então, pagar menos pela proteção.

Contribuindo para garantir a estabilidade social e a proteção da sua base de cooperados, o Sistema de

Cooperativas de Crédito do Brasil, o Sicoob, oferece diversas modalidades de seguros, como vida e previdência, automóvel, residencial, empresarial, agrícola, máquinas e equipamentos, e acredita que essa é uma solução fundamental para minimizar eventuais perdas, permitindo com que recursos destinados ao desenvolvimento não sejam remanejados para reparação de danos causados por eventos inesperados.

Essas e outras soluções foram desenvolvidas e oferecidas aos cooperados do Sicoob para que eles sejam capazes de ter todos os produtos e serviços financeiros em sua própria instituição. Quem é associado também é dono e participa das decisões, com direito a voto nas assembleias deliberativas. O Sicoob trabalha para ser a principal instituição financeira de seus quatro milhões de cooperados, espalhados por 1.627 municípios brasileiros.



Divulgação

CLARISSE MOURÃO

Analista e assessora de Comunicação do Bancoob.



Divulgação

MARCELO CARNEIRO

Diretor do Sicoob Seguros.